

## O TRABALHO DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA UEPB E AS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO

Arthur Franklin Ferreira Lopes<sup>1</sup>

Juvandi de Souza Santos<sup>2</sup>

Karen Nadja de Moraes<sup>3</sup>

Lucas Ramon Porto de Assis<sup>4</sup>

Sebastião Lacerda de Lima Filho<sup>5</sup>

- 
- 1 Graduando em História – UEPB - [arthur.franklin.ferreira@gmail.com](mailto:arthur.franklin.ferreira@gmail.com)
  - 2 Historiador/Arqueólogo/Espeleólogo – LABAP/UEPB - [juvandi@terra.com.br](mailto:juvandi@terra.com.br)
  - 3 Graduada em História – UEPB - [arenmoraes9@gmail.com](mailto:arenmoraes9@gmail.com)
  - 4 Graduado em História- UEPB - [lucasramon2009@hotmail.com](mailto:lucasramon2009@hotmail.com)
  - 5 Arqueólogo/Pesquisador colaborador – LABAP-UEPB - [arqueologiasobradinho@gmail.com](mailto:arqueologiasobradinho@gmail.com)

## RESUMO

A criação e a implantação do Museu de História Natural da UEPB tiveram como principal mote o estabelecimento de um espaço interativo e permanente de produção, dispersão e popularização do conhecimento, envolvendo o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia- LABAP, pois que a divulgação do importante trabalho por essa instituição fazia-se necessária, para além da propiciação de aproximar-se o conhecimento científico da comunidade paraibana. Outros objetivos foram promover pesquisas sobre evidências da cultura material, como também o material faunístico, florístico, geológico do estado da Paraíba; inventariar todo o acervo arqueológico, paleontológico e geológico; realizar trabalho de coleta de material para o acervo do museu junto aos municípios que compõem o estado da Paraíba, dentre outros objetivos. Felizmente, ao longo dos anos, todos os objetivos foram alcançados. No entanto, com o bom desenrolar das atividades e as novas imposições surgidas, o MHN-UEPB encontra-se carente de melhoramentos, sem os quais a sua funcionalidade estará ameaçada. O presente trabalho buscará realizar um apanhado geral das características dessa importante instituição paraibana, ressaltando algumas nuances de seu trabalho em prol do desenvolvimento das ciências naturais do estado, sem que se deixem de ressaltar as dificuldades debilitantes no presente observáveis. O episódio trágico passado no Museu Nacional deve servir como propulsor de enérgicas medidas.

**Palavras-chave:** Museu de história natural da UEPB; Contribuições; Desafios.

## ABSTRACT

The creation and implantation of the Natural History Museum of the UEPB had as the main orientation the establishment of an interactive and permanent space of production, publication and popularization of knowledge, involving the Laboratory of Archaeology and Palaeontology LABAP, for the spread of this institution's work is necessary, as well as the dispersion of scientific knowledge amongst the populace of Paraíba. Other objectives were to promote research on material culture, as well as faunal, floristic, geological materials of the state of Paraíba; to make an inventory of every archaeological, paleontological and geological vestiges; to proceed to the collection of materials for the museum's inventory alongside with the municipalities that are part of the state of Paraíba, among other objectives. Fortunately, in the long run, all the goals set have been achieved, or are in progress to. Fortunately, over the years, all goals have been achieved. However, with the development of activities and the new impositions that have arisen, the MHN-UEPB is in need of improvements, without which its functionality will be threatened. The present work will seek to carry out a general overview of the characteristics of this important institution in Paraíba, highlighting some nuances of its work in support of the development of the natural sciences in the state, without setting aside the debilitating difficulties of present. The tragic episode which occurred at the National Museum should serve as a propellant for energetic measures.

**Keywords:** Museum of natural history of UEPB; Contributions; Challenges.

## INTRODUÇÃO

A sobrevivência da vida no planeta depende inicialmente de uma série de protocolos que foram e ainda são adotados para manutenção da integridade das populações humanas que vivem no planeta Terra. Para além da interação existente entre a variedade e diversidade de culturas o que se busca nos dias que se seguem é a iniciativa e o desejo pelo estabelecimento e a implantação de políticas que levem, em curto prazo, ao desenvolvimento sustentável, através da proteção e manutenção do nosso patrimônio natural e cultural que por si só carrega traços de quem somos e nossa relação com os demais seres vivos que compõe os diferentes biomas do globo. Nessa dinâmica interativa, se destaca, como percebemos, interagimos e também compreendemos as relações construídas (Ashby, 2017). Entretanto, a aplicação de políticas ambientais e culturais bem-sucedidas depende fundamentalmente de uma base sólida de informação acerca da biodiversidade local e de sua relação com o ambiente, como atestam diferentes pesquisadores pelo mundo (Zaher e Young, 2003). Os museus de história natural, nesse sentido, configuram-se como importantes vetores de dispersão dessas informações indispensáveis, razão pela qual a dispersão de instituições dessa natureza é essencial ao progresso das ciências humanas ou naturais.

O Conselho Internacional dos Museus define um museu como:

Uma instituição cultural com caráter permanente, aberta ao público, sem fins lucrativos, em que se conservam, estudam e, em parte, expõem-se os materiais testemunhos da evolução do Universo, dos ambientes físico, biológico e social do mundo passado e atual e das realizações do homem ao longo da sua existência (Apud SANTOS e MENDES, 2009, p. 39).

A necessidade de se criar coleções e espaços onde se possam guardar parte do acervo natural e cultural do planeta sempre esteve atrelado as políticas de desenvolvimento das nações. Mesmo porque o valor das coleções e exposições de história natural foram relativamente bem documentados em diferentes séculos. Eles também atuam como meio terapêutico para se lidar com uma sociedade extremamente caótica, como observamos em muitas partes. Se considera isso porque muitas dessas pessoas (visitantes) apreciam os museus de história natural do ponto de vista misto, ou seja, gostam tanto das coleções culturais humanas, mas buscam ainda entender a história evolutiva e natural do próprio ambiente em que vivem. Para além disso, há outras razões para pensar que os museus são importantes: uma delas são as vastas e variadas pesquisas que acontecem nessas instituições, muitas delas vinculadas a universidades ou institutos de um país. E isso, por si só, amplia o quadro de compreensão do mundo que conhecemos (Ashby, 2017).

Dezenas ou centenas de cientistas estão – neste exato momento, por exemplo, trabalhando com acervos, em reservas técnicas ou em pesquisas de campo ou gabinete, usando as coleções armazenadas para fazer descobertas sobre biodiversidade, evolução e como os ecossistemas funcionam, entre muitas outras coisas produtivas. Assim temos feito constantemente no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP-UEPB) (Fig. 1), importante instituição ligada ao MHN-UEPB.

FIG. 1 – ATIVIDADES DIÁRIAS DESENVOLVIDAS NAS DEPENDÊNCIAS DO LABAP-UEPB.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

Se eles não têm seus próprios pesquisadores em equipe, a maioria dos museus com coleções de história natural mantém a maior parte de suas coleções fora de exposição para que os pesquisadores possam estudá-las e assim contribuam para os avanços nas mais diferentes áreas. Por exemplo, nos museus de história natural falamos de “espécimes” em vez de “artefatos”, que são mais frequentemente associados a museus de Arqueologia, Antropologia e História Social. A diferença é que os espécimes são *exemplos* reais de um determinado tipo de coisa: espécimes estão em museus para representar toda a sua espécie. Artefatos são objetos feitos pelo homem, principalmente em museus para se representarem. Todas essas particularidades entre os dois conjuntos levaram muitas instituições a adotarem a construção ou exposição de coleções mistas, o que permite que esses museus possam expandir seu campo de atuação e o público-alvo (Ashby, 2017; Gregorev, 2014).

Outro fator relevante dos museus de história natural é sua possibilidade de compreender

as mudanças na biodiversidade, ou seja, um dos tipos mais críticos de pesquisa para os quais as coleções de história natural podem ser utilizadas é investigar como os ecossistemas e suas comunidades ecológicas mudam ao longo do tempo. Este espécime é uma evidência física de que esta espécie de *limpet* estava naquele local nessa data. Além disso, a análise da maquiagem dos espécimes poderia nos dizer sobre a química do oceano em que viviam. Entender o impacto das mudanças climáticas, poluição, acidificação dos oceanos e colapso do ecossistema são fundamentais para nossa capacidade de mitigar esses desafios globais, e espécimes como esse podem fornecer dados inestimáveis (Ashby, 2017; Charlie Wanders, 2018).

Neste sentido, um museu cria possibilidades infinitas para a expansão dos conhecimentos em múltiplas áreas, desde aquelas iminentemente humanas, como a História e Arqueologia, até as voltadas ao estudo da natureza, como a Paleontologia, a Geologia e Espeleologia. Desta proposta não se furta, naturalmente, o Museu de História Natural da UEPB.

Congruente a esta definição do importante instrumento que são os museus, relacionando-se à categoria de história natural, os professores e curadores de instituições desta natureza, doutores Hussan Zaer e Paulo S. Young, ressaltam a indispensabilidade e valor dos museus de história natural, os quais preservam os acervos de espécies animais e vegetais, sejam fósseis ou atuais, evidenciando a biodiversidade ímpar do planeta Terra desde os primordiais anos (Zaer e Young, 2003). Ademais, em se tratando dum contexto regional, um museu é o potentado maior na salvaguarda da diversidade biológica duma determinada área, como o estado da Paraíba, no caso presente da UEPB, assim como o ponto de partida de múltiplos estudos e pesquisas *in loco*, como tantas têm sido potencializadas ao longo dos onze anos de existência do Museu de História Natural da UEPB.

Por todo o mundo, diferentes museus de história natural, patronos da conservação e contínua pesquisa da biodiversidade terrestre, apresentam-se em destaque pela imensurável contribuição para as ciências naturais, em tempos nos quais o futuro da humanidade é posto em causa. Como exemplos, pode-se mencionar, dentre tantos outros, os grandiosos *Natural History Museum*, de Londres, contando com um acervo de 70 milhões de objetos, dentre estes alguns espécimes estudados por Chales Darwin, representantes das diversas áreas do conhecimento (zoologia, paleontologia, botânica...); o *American Museum of Natural History*, localizado em Nova Iorque e que, neste ano de 2021, celebra 152 anos de primazia na qualidade de seu acervo e nas pesquisas que constantemente conduz; além do *Smithsonian National Museum of Natural History*, do estado de Washington, também nos Estados Unidos da América, que possui uma clássica exposição de mamíferos naturalizados de todo o mundo, além de fósseis e esqueletos reconstituídos de dinossauros.

No caso do Brasil, pode-se mencionar o Museu Paraense Emílio Goeldi (MINISTÉRIO DA

CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES, 2020), que realiza um importantíssimo trabalho de catalogação das espécies da Floresta Amazônica, em constante esforço pela preservação da mais importante floresta tropical do mundo; o Museu Nacional, que tão vilipendiado se encontra por anos de descaso, até o trágico incêndio, exemplo que eleva a necessidade de preocupação com as instituições de conservação patrimonial do país, possuindo importantes artefatos da história natural do Brasil, nomeadamente o crânio do mais antigo indivíduo pré-histórico brasileiro, Luzia; além do Instituto Butantã, enfocando nas pesquisas de ciências da saúde, por isto mantenedor de um amplo complexo, comportando três museus e promovendo várias ações educativas. Também é relevante citar o museu de história natural e jardim botânico da UFMG que – como muitos outros centros dessa natureza no país – **abriga significativo acervo de** paleontologia, geologia, botânica, zoologia, cartografia histórica, etnografia e arte popular, além de documentação bibliográfica e arquivística, conta juntamente com o Goeldi, com um dos mais **importantes centros de pesquisa de plantas brasileiras**. Portanto, o Museu de História Natural da UEPB busca assumir o seu lugar no panteão destas grandes instituições científicas do país (Bragança Gil, 1988), sendo o único museu de história natural do estado da Paraíba.

Para Saad (1998), os objetivos fundamentais dos museus de ciências eram basicamente adquirir e preservar a herança científica e tecnológica e explicar a construção, uso e operação de máquinas e ferramentas. Assim, até a primeira metade do século XX, estes cultivavam e reproduziam gabinetes de curiosidades, onde se acumulavam objetos e coleções a fim de garantir a preservação da cultura e da ciência. Atualmente, devido ao grande avanço da tecnologia e da presença da ciência no cotidiano dos indivíduos, os centros de ciências e de museus incorporaram outros objetivos, que visam não apenas a preservação, mas também a necessidade de despertar o interesse pelo conhecimento científico e pela experimentação.

Vários educadores consideram que as escolas não são os únicos espaços para o processo de aprendizagem ou sobre a natureza da ciência como uma atividade intelectual, principalmente num país onde uma grande parte da população esteve ou está fora dela. Desta forma, a instituição escolar não pode ser vista como o único meio a oferecer à sociedade a (in) formação técnico-científica e humanística necessária para o entendimento do mundo. Assim, os museus interativos de ciência apresentam-se como um espaço educativo complementar à educação formal, possibilitando a ampliação e a melhoria do conhecimento científico de estudantes, bem como, da população em geral (Constantin, 2001).

Museus/centros de ciências e escolas exercem a tarefa educativa caracterizada por aspectos diferenciados: nos museus, os objetos representam do processo de ensino aprendizagem e não os indivíduos; caracterizam-se como espaços de livre escolha; não são marcados por processos avaliativos e nem por competição; o público-alvo é heterogêneo; as situações de

aprendizagem são interativas e estimulam o aprender em grupo, atuando fortemente no emocional dos visitantes. Desta maneira, gera condições propícias a aprendizagem e estimula o interesse pelo mundo da ciência e suas aplicações (Saad, 1998).

Segundo Constantin (2001, p. 197), o cientista moderno não é somente um indivíduo que busca novos fatos, ele opera também como um descodificador, capaz de, em sua especialidade, extrair e tornar acessível ao público os avanços na sua área específica de trabalho e uma universidade será tanto mais eficaz em sua função social, quanto mais cientistas-descodificadores dispuserem em seus quadros.

A partir do século XIX até o século XX, os museus passaram por mudanças observadas em todo mundo, tornando-se em meados da década de oitenta, espaços interativos de preservação e divulgação do conhecimento produzido. Surge assim, o Espaço Ciência Viva e o Museu de Astronomia e Ciência no Rio de Janeiro, além de outros em diferentes Estados do país (Constantin, 2001).

Em um estudo sobre centros e museus de ciências do Brasil, realizado por Cury e Barreto (2000), concluiu-se que, quase dois terços das instituições apresentadas neste estudo são jovens (62,2% têm até 20 anos). Situam-se, na sua maioria, nas regiões Sudeste, Sul e, em menor escala, no Nordeste. A implantação do Museu de História Natural na UEPB, assim, faz-se necessária por representar um meio de identificar, mensurar, e conservar o rico acervo científico (Arqueológico, Faunístico, Florístico, Geológico e Paleontológico) regional, promovendo subsídios para o planejamento do uso sustentável dos recursos, bem como a divulgação e a popularização deste conhecimento. Vale ainda ressaltar a carência de espaços interativos de museus de ciências na área de abrangência da UEPB no distrito geo-educacional.

## **INTRODUÇÃO AO MHN-UEPB**

O Museu de História Natural da Universidade Estadual da Paraíba é a única instituição desta natureza no Estado, havendo sido criado a 18 de maio de 2009, por força da Resolução UEPB/CONSUNI 021/2009, sob a presidência de sua Magnificência Reitora Marlene Alves Sousa Luna. O estabelecimento de tão importante instrumento para preservação da história natural do território paraibano, que completa, neste ano de 2021, doze anos de pioneira existência, foi incitada pelos eminentes professores Juvandi de Souza Santos e Márcio Mendes, através de projeto datado de abril de 2009, submetido à apreciação do Conselho Universitário. O professor Juvandi de Souza Santos, ademais, esteve, desde esta altura primordial, à frente da coordenação das atividades e garantia do efetivo funcionamento do Museu, posição na qual permanece até o momento.

O símbolo escolhido para que o Museu ostentasse, este é bastante representativo da missão e da riqueza da instituição:

## AS CORES

- **VERMELHO:** Representa o património pré-histórico presente no estado da Paraíba, simbolizado pelas inscrições rupestres (que se apresentam maioritariamente em vermelho);
- **AZUL:** A intelectualidade que se inicia com a fundação deste importante equipamento para o Estado;
- **PRETO:** Representa a metodologia e dedicação à pesquisa;
- **BRANCO:** Representa a Geologia e a Paleontologia, secções extremamente ricas do Museu;
- **VERDE:** Representa a afinidade com a natureza das secções Espeleologia e Fauna, além da Flora.

## FONTES E FORMAS

A fonte das iniciais 'm h n' é *VinerHand*. Em sua forma cursiva, representa o pioneirismo da UEPB na organização de uma instituição cultural dedicada a história natural do estado e região;

A fonte do título 'Museu de História Natural - UEPB' é *Berlin Sans*. Ela representa a origem clássica e a grandeza dos museus em todo o mundo.

As formas retangular e quadrada existentes representam hipoteticamente o universo onde o museu escreverá sua história, o retângulo para o museu, cuja importância é por demais reconhecida e o quadrado a forma perfeita em que a história natural se apresenta;

As folhas sobrepostas formam o ícone representativo do Museu de História Natural da UEPB, lembrando a natureza (Fig. 2).



FIG. 2 – LOGOMARCA DO MHN-UEPB



CRÉDITO DO DESENHO: THOMAS BRUNO OLIVEIRA

No que se refere à missão do MHN - UEPB, esta é das mais nobres, sempre coerente com a proposta da própria Universidade em conciliar a pesquisa, o ensino e a extensão. O primordial objetivo da instituição é configurar-se como lugar de confluência dos vários campos do saber ligados à história natural, onde é possível apresentar à comunidade os ricos acervos arqueológico, paleontológico, geológico, faunístico, florístico e espeleológico do território paraibano. Ademais, o museu não se furta à responsabilidade de integrar os saberes acadêmicos à realidade do público em geral, tarefa consubstanciada na iniciativa do Museu Itinerante em escolas da rede pública estadual e municipais da Paraíba, além da promoção de palestras e minicursos esporádicos, na UEPB (Fig. 3).

FIG. 3 – ATIVIDADES DO MUSEU ITINERANTE EM ESCOLA DA REDE PÚBLICA DA PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

O Museu de História Natural da UEPB, atualmente, encontra-se desempenhando suas atividades na Avenida Presidente Getúlio Vargas S/N, 2º andar, em Campina Grande, PB, nas

dependências da antiga Faculdade de Administração da UEPB (Fig. 4). A instituição possui um blog, administrado por alunos do curso de História da Universidade, onde se podem conferir as mais importantes informações acerca do trabalho realizado, além de requisitar o agendamento de visita ao acervo disponível, no seguinte endereço eletrônico: <http://mhnupeb.blogspot.com/>.

FIG. 4 – DEPENDÊNCIAS ATUAIS DO MHN-UEPB (RESERVA TÉCNICA).



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

## O TRABALHO DO MUSEU

Identifica-se o patrimônio cultural de um país como o conjunto dos produtos artísticos e técnicos, das expressões literárias, linguísticas e musicais, dos usos e costumes de todos os povos e grupos étnicos do passado e do presente. Neste sentido, entende-se que o patrimônio cultural de um povo é toda a sua cultura, seus produtos culturais, e sua simbolização e os bens imateriais e materiais. Falar de patrimônio cultural exige falar de museu, porque esta instituição foi criada especialmente para preservá-lo. Sua estreita relação com este mesmo patrimônio estabelece sua função primordial que é a preservação, e dela se desprendem as outras de investigação, conservação, salvamento, resgate, tombamento e exibição com fins de educação, pesquisa, lazer e troca de experiência e conhecimento, além de preservar os resquícios das culturas pretéritas (Santos, 2003).

Do ponto de vista de seu impacto técnico - científico, cultural, econômico e/ou social, a relevância do tema é evidente, tendo em vista o importante acervo de evidências materiais que pertencem ao Centro de Humanidades, principalmente das origens dos primeiros homens

da nossa região. Outro fator que comprova a relevância do tema é o significativo acervo paleontológico, que após a sua análise, revelará muitas informações sobre importantes espécies da flora e fauna da região, Estado e país, como também, a facilidade em resgatar esses bens, já que é comum em todo o Estado e país já e necessitam serem resgatados e estudados, haja vista o avançado processo de destruição dos mesmos.

O acervo arqueológico, paleontológico e geológico se origina de coleções particulares que ao longo dos anos foram sendo doadas e obtidas em atividades de pesquisas. Algumas destas peças fazem parte dos sítios que já foram pesquisados, cujo trabalho vem sendo desenvolvido por alunos e professores de vários Departamentos da Instituição.

O potencial arqueológico, geológico, florístico e faunístico e paleontológico da Paraíba é muito grande; neste sentido, podemos dizer que a região vem sendo alvo em monografias, relatórios de atividades diversas de pesquisas que culminam com bens materiais coletados em campo. Além das pesquisas oficiais, os achados vêm sendo registrados, através da relevante quantidade de material arqueológico e paleontológico encontrados nas casas de muitos habitantes da região (como detectado recentemente em atividade de campo) e que através da educação patrimonial poderá ser doado ao museu.

A principal meta deste projeto foi a criação e implementação do Museu de História Natural da UEPB envolvendo o Laboratório de Arqueologia e Paleontologia- LABAP e os Departamentos de Ciências Biológicas e História, que fornece informações para as comunidades em geral. Com o decorrer da atividade museológica, foi implantado um laboratório que vise incentivar pesquisas nessas áreas do conhecimento científico (Santos, 2005).

Na mostra arqueológica, paleontológica e geológica permanente, as metas propostas foram centradas no desenvolvimento da museologia com ênfase especial na reflexão sobre a importância do objeto em um processo educacional permanente, uma vez que ele reúne significados que traduzem sua técnica de confecção, lembram os homens que o criaram e utilizaram, e os animais do passado além de mostrar os processos de transformações pela qual passou o nosso planeta, extrapolando, desta forma, sua materialidade. Neste sentido, surgiu também como possibilidade de recriar a memória dos que perderam a visibilidade de suas vidas, suas resistências e projetos, como também revelando espécies da flora e fauna extintas (Fig. 5).

FIG. 5 – SALA DE EXPOSIÇÃO DO MHN-UEPB, COM VASTO MATERIAL ARQUEOLÓGICO, PALEONTOLÓGICO E GEOLÓGICO DA PARAÍBA.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS

Como a região de Campina Grande engloba vários municípios e, a maioria deles tem alunos que estudam na UEPB, formamos equipes de alunos voluntários e/ou bolsistas com o objetivo de resgatar e catalogar, em seus respectivos municípios, materiais para ser depositado no museu, que ficará à disposição de todas as comunidades domiciliadas na Paraíba para a contemplação.

O Museu de História Natural da UEPB é o fiel depositário de todo o acervo arqueológico e paleontológico da região, doado ou fruto de pesquisas. Criado com o objetivo de incorporar a museologia ao processo de pesquisa e extensão, considerando que só assim haverá condições de sustentar um amplo trabalho de socialização do conhecimento que deve ser, sempre, a finalidade do trabalho científico.

A divulgação museológica deve ocupar espaço preponderante, na medida em que a linguagem do objeto (fato museal) reúne um conjunto de códigos mais abrangentes, o que possibilita um efetivo processo de comunicação entre academia e comunidade. As atividades para a organização e criação do Museu, são embasadas pelas normas internacionais vigentes, além da assessoria voluntária que será prestada por profissionais das áreas competentes e préstimos e auxílio de outros museus.

A reflexão sobre a utilização do museu para a comunidade da pesquisa científica passa, necessariamente, pela utilização do museu, também, como agência educativa. A relação cada

vez mais estreita entre a museologia e a educação, tem suas raízes na especificidade do fato museal, que coloca o sujeito do conhecimento frente ao objeto exposto de forma que possa recolher tudo o que se tentou preservar.

Consideramos que o trabalho museológico necessita de uma proposta conceitual muito clara que se desenvolva através de etapas, sistematicamente avaliadas. Essas etapas devem ser encaradas como experiências que reflitam a proposta museologia e propiciem a aplicação de técnicas museográficas, voltadas principalmente, a comunidade, e com um grande compromisso educacional, sendo acima de tudo, uma atividade interdisciplinar.

## AS PERSPECTIVAS DE FUTURO

Localizado atualmente na Avenida Presidente Getúlio Vargas S/N, 2º andar, em Campina Grande, PB, nas dependências da antiga Faculdade de Administração da UEPB, o MHN-UEPB padece do mais básico: uma infraestrutura adequada. A sala na qual se instalou a galeria é uma adaptação de um cômodo de aulas já sem uso, apresentando espaço insuficiente para a exposição das peças, sendo, aquelas não utilizadas, armazenadas de forma tal a conceder aspecto de depósito ao local, em contraposição a de um antro de conhecimento. Além disso, em gravíssimo risco à saúde de visitantes e mantenedores e à preservação do material acondicionado, no museu, assim como no Laboratório de Arqueologia e Paleontologia, em contígua dependência à daquele, até escassos meses antes do fim de 2020, pombos utilizam da estrutura de telhado como ninho, expondo o local às fezes e penas destas aves, que muito mal já não causaram para manutenção do compartimento, quase que embargando o desempenho normal das funções do Museu e do Laboratório (Fig. 6).

FIG. 6 – SITUAÇÃO ATUAL DA ÁREA DO MUSEU E LABORATÓRIO.



CRÉDITO DA IMAGEM: JUVANDI DE SOUZA SANTOS.

Ademais, e ainda mais gravosa situação, o fato de a atual acomodação do MHN-UEPB não dispor de condições para ser possível, efetivamente, salvaguardarem-se as peças de um possível incidente previsto nos Cadernos Museológicos do Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), assim como garantir a segurança de indivíduos que, porventura, estejam nas dependências do museu. Na atual conjuntura, seria impossível ao MHN-UEPB estar em conformidade com as normas e diretrizes de segurança do Ibram, sendo, portanto, necessária à consideração de um local alternativo onde se estabelecer o MHN-UEPB, no qual seja possível, efetivamente, explorar-se todo o potencial que esta importante instituição tem a oferecer (Ono e Moreira, 2011).

Assim, afigura-se a possibilidade de transpor o agonizante funcionamento do MHN-UEPB para o prédio do antigo Museu de Arte Assis Chateaubriand (antiga sede do MHN-UEPB e do Museu de Artes Assis Chateaubriand – Fig. 7), onde atualmente funciona a Secretaria de Cultura da cidade de Campina Grande, e seria este fato de tal maneira importante que iria ser possível designar este como o momento mais auspicioso da história do Museu. Este edifício almejado é parte da obra integrada do Parque do Açude Novo (Evaldo Cruz), inaugurada a 31 de Janeiro de 1976, e, havendo sido planejados pelo arquiteto Renato Azevedo, o prédio e o parque foram considerados “[...]das construções modernas mais arrojadas e belas do Nordeste, unindo funcionalidade e meio-ambiente” (PMCG, 2019), segundo a Prefeitura Municipal de Campina Grande. Configurar-se-á, assim, o restauro as funções primordiais do prédio, aquelas de conservar o património histórico da cidade de Campina Grande, restaurando-o do ostracismo cultural ao qual fora submetido. Espera-se a definição das autoridades quanto à efetiva transferência de loco.

FIG. 7 – ANTIGO MUSEU DE ARTES ASSIS CHATEAUBRIAND E ANTIGA SEDE DO MHN-UEPB.



FONTE: RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE: O MUSEU DE ARTES ASSIS CHATEAUBRIAND (2021).



## REFERÊNCIAS

- ASHBY, Jack. Why natural history museums are important. Specimen of the Week 278: The British Antarctic Survey. University College London Press, 2017.
- BRAGANÇA GIL, F. Museus de Ciência. Preparação do futuro, memória do passado. Revista de Cultura Científica, v. 3, 1988. pp. 72-89.
- CHARLIE WANDERS. Why you should visit the Natural History Museum. London. Charlie Wanders All Right Reserved, 2018.
- CONSTANTIN, A. C. C. Museus interativos de ciências: espaços complementares de educação? Interciência.v.26.n.5. 2001. pp.195-200.
- CURY, M. X & BARRETO, M. I. (Org.). 2000. Estudo sobre Centros e Museus de Ciências: subsídios para uma política de apoio. Disponível em: <http://www.abcmc.org.br>. Acesso em: 10 Jul. 2007.
- GREGOREV, Nina. [Vernay-Hopwood Chindwin Expedition \(Anthropology\)](#). Anthro.amnh.org. Retrieved May 12, 2014.
- MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA, INOVAÇÕES E COMUNICAÇÕES. 12 maiores museus de história natural do mundo manifestam apoio ao Museu Goeldi. 2017. Disponível em: <https://www.museu-goeldi.br/noticias/12-maiores-museus-de-historia-natural-do-mundo-manifestam-apoio-ao-museu-goeldi>. Acesso em: 01 Mai. 2020.
- ONO, Rosaria ; MOREIRA, Kátia Beatris Rovaron. Segurança em Museus. Brasília, DF: MinC/Ibram, 2011.
- PMCG. SECULT celebra aniversário de Campina através de seus equipamentos culturais. 2018. Disponível em: <http://pmcg.org.br/?p=27010>. Acesso em: 23 Set. 2019.
- RETALHOS históricos de Campina Grande: o Museu de Artes Assis Chateaubriand. Obtido em: [https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk02OBCj\\_UV9OJL9XTYO8lj9wDxsQ2A:1621273972726&source=univ&tbm=isch&q=Foto+do+antigo+museu+de+artes+assis+chateaubriand,+campina+grande&client=firefox-b-d&sa=X&ved=2ahUKewjo6uiZpNHwAhVTqpUCHfwaDRsQ7Al6BAgDECw&biw=1366&bih=654#imgrc=Wj7CbEDY-4oiAM](https://www.google.com/search?sxsrf=ALeKk02OBCj_UV9OJL9XTYO8lj9wDxsQ2A:1621273972726&source=univ&tbm=isch&q=Foto+do+antigo+museu+de+artes+assis+chateaubriand,+campina+grande&client=firefox-b-d&sa=X&ved=2ahUKewjo6uiZpNHwAhVTqpUCHfwaDRsQ7Al6BAgDECw&biw=1366&bih=654#imgrc=Wj7CbEDY-4oiAM). Acesso em: 15 Mai. 2021.
- SAAD, F. D. Centros de Ciências: As atuais vítimas do mundo da difusão científica. In: CRESTANA S.; CASTRO, M. G; PEREIRA, G. R. M. Centros e Museus de Ciência, visões e experiências. São Paulo: Saraiva, 1988. pp. 21-25.
- SANTOS, Juvandi de Souza. Estudando e conhecendo a Pré-história. Campina Grande: EDUEPB, 2005.
- \_\_\_\_\_. Manual do espeleólogo. Campina Grande: EDUEPB, 2003.
- SANTOS, Juvandi de Souza ; MENDES, Márcio. Criação e implantação do Museu de História Natural da UEPB. Projeto. Laboratório de Arqueologia e Paleontologia – UEPB. Campina Grande – PB, p.5. 2009.
- ZAHER, H. & YOUNG, P. S. As coleções zoológicas brasileiras: panorama e desafios. Revista Ciência e Cultura, v. 55. n. 3. 2003. pp. 24-26.